

Utilização da rotulagem de alimentos embalados e a qualidade da alimentação de mulheres de uma região da cidade de São Paulo

The use of food labeling and diet quality among women from a region in the city of São Paulo

ABSTRACT

GOMES, A. L. C.; CYRILLO, D. C. The use of food labeling and diet quality among women from a region in the city of São Paulo. *Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.* = J. Brazilian Soc. Food Nutr., São Paulo, SP, v. 31, n. 1, p. 33-42, abr. 2006.

This study was developed with the objective of analyzing the relation between use of food labeling and diet quality. It was conducted by means of the application of household survey in a sample of 284 women from 20 to 50 years of age, engaged on the Family Health Program (Programa de Saúde da Família), macro-region of Vila Formosa in the city of São Paulo. Standardized questionnaires were used to obtain demographic, socioeconomic, dietary and use of food labeling data. Diet quality was assessed according to the Healthy Eating Index (HEI). It was observed that 59.5% of the sample claimed that they read the nutritional labeling before acquiring food products and the information most frequently consulted (87.6%) was the expiration date. Women that read the food label presented higher education and higher score for HEI ($p < 0.05$); on the other hand, variables as income and age did not present any relation to food labeling usage. It was concluded that most of the women had already used food labeling, disclosing a positive relation with the diet quality.

Keywords: Nutritional labeling.
Food label. Healthy eating index.

**ANDRÉA LIZABETH
COSTA GOMES¹;
DENISE CAVALLINI
CYRILLO²**

¹Programa de Pós-Graduação Interunidades em Nutrição Humana Aplicada (FCF-FEA-FSP) da Universidade de São Paulo.

²Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

Endereço para correspondência:

Av. Prof. Mello de Moraes 1235, bloco G, apto 412, Butantã, São Paulo, SP CEP 05508-030
e-mail: andreacg@usp.br
Telefone: (11) 3091-3298 / (11) 9436-2400

RESUMEN

Este estudio fue realizado con el objetivo de analizar la relación entre el uso de etiquetas en los alimentos empaquetados y la calidad de la alimentación. Fue realizado por medio de visita a domicilio en una muestra de 284 mujeres entre 20 y 50 años, inscritas en el programa de Salud de la familia, macroregión de Vila Formosa en la ciudad de São Paulo. Se utilizaron cuestionarios estandarizados para la obtención de datos estadísticos, socioeconómicos, dietéticos y sobre la utilización de etiquetas de alimentos. La calidad de la alimentación fue medida según el Índice de Alimentación Saludable (IAS). Se observó que 59,5% de las mujeres respondieron que leían la etiqueta antes de comprar alimentos y que el uso de la etiqueta con mayor frecuencia (87,6%) fue para ver la fecha de vencimiento. Las mujeres que leían la etiqueta presentaron más alto nivel de escolaridad y mayor valor de IAS ($p < 0,05$). Las variables salario y edad no mostraron relación con el uso de la etiqueta. Se concluye que la mayoría de las mujeres ya utilizaban la etiqueta de los alimentos y existe una relación positiva con la calidad de la alimentación.

Palabras clave: Etiqueta nutricional. Etiqueta de alimentos. Índice de alimentación saludable.

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido com objetivo de analisar a relação entre a utilização de rótulos dos alimentos embalados e a qualidade da alimentação. Foi realizado por meio de inquérito domiciliar em uma amostra de 284 mulheres entre 20 e 50 anos, cadastradas no Programa de Saúde da Família, macro-região de Vila Formosa na cidade de São Paulo. Utilizou-se questionários padronizados para obtenção de dados demográficos, socioeconômicos, dietéticos e sobre a utilização de rótulos de alimentos. A qualidade da alimentação foi medida segundo o Índice de Alimentação Saudável (IAS). Observou-se que 59,5% das mulheres responderam que liam o rótulo antes de comprar alimentos e que a utilização do rótulo com maior frequência (87,6%) foi para leitura da data de validade. As mulheres que liam o rótulo apresentaram maior escolaridade assim como maior IAS ($p < 0,05$), por outro lado as variáveis renda e idade não apresentaram relação com o uso da rotulagem. Conclui-se que a maioria das mulheres já utilizava o rótulo de alimentos existindo uma relação positiva com a qualidade da alimentação.

Palavras-chave: Rotulagem nutricional. Rótulo de alimentos. Índice de alimentação saudável.

INTRODUÇÃO

A rotulagem nutricional vem sendo estudada como um dos fatores que podem influenciar nas escolhas alimentares dos consumidores devido a crescente preocupação com a melhoria da saúde e qualidade de vida (CYRILLO, 2001; FERRAZ, 2001; NAYGA; LIPINSKI; SAVUR, 1998; SHINE; O'REILLY; O'SULLIVAN, 1997).

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), órgão vinculado ao Ministério da Saúde, desde 2004 consolidou a legislação unificada para os países do Mercosul por meio de duas resoluções. A RDC nº 360 que torna obrigatória a rotulagem nutricional e a RDC nº 359 que aprova o regulamento técnico de porções de alimentos embalados para fins de rotulagem nutricional com objetivo de garantir o direito à informação ao consumidor e, assim auxiliar na seleção para aquisição de alimentos saudáveis (BRASIL, 2003a; 2003b). Medida essa, que atende uma das diretrizes da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN) do Ministério da Saúde, à promoção de práticas alimentares e estilos de vida saudáveis (BRASIL, 2003c).

Facilitar a escolha de alimentos saudáveis a partir de informações contidas nos rótulos de alimentos foi uma das estratégias desenhadas pela PNAN para a redução dos índices de sobrepeso, obesidade e doenças crônicas não-transmissíveis associadas a hábitos alimentares da população (BRASIL, 2003c; BRASIL, 2004d).

A recente mudança no aspecto legal que trata da rotulagem nutricional de alimentos decorre dos estudos sobre o papel da nutrição na saúde. As evidências científicas, no campo da epidemiologia nutricional, têm demonstrado a estreita relação entre as características da dieta e a ocorrência de doenças crônicas que podem ser prevenidas ou mesmo ter o processo inicial adiado por meio de uma alimentação e estilo de vida saudáveis (ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, 2004; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2003).

Considerando a leitura das informações dos rótulos uma importante ferramenta para a escolha de alimentos seguros e saudáveis, a Organização Mundial da Saúde (OMS) propõe entre as ações da estratégia global para alimentação, atividade física e saúde o aumento do uso da rotulagem como fonte adicional de conhecimentos para otimizar escolhas alimentares mais saudáveis (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2004).

Ante o exposto, o presente artigo visa analisar a relação entre a utilização de rótulos dos alimentos embalados e a qualidade da alimentação.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa corresponde a um estudo transversal do tipo exploratório, realizado por meio de inquérito domiciliar. Foi utilizada uma amostra de 284 mulheres entre 20 e 50 anos, cadastradas no Programa de Saúde da Família - PSF/QUALIS I, macrorregião de Vila Formosa, na cidade de São Paulo.

Utilizaram-se questionários padronizados para a obtenção de dados demográficos, socioeconômicos, dietéticos e a busca de informações por meio de rótulos dos alimentos.

A idade foi calculada a partir da data da entrevista e da data de nascimento da entrevistada e avaliada em anos completos, a escolaridade foi definida a partir do número de anos concluídos no ensino formal, e a renda familiar *per capita* foi obtida por meio do somatório das rendas de todos os membros da família, incluindo salários, aposentadorias, pensões e outros rendimentos dividida pelo número de moradores.

O consumo alimentar foi identificado por meio do recordatório alimentar de 24 horas (R24h), referente ao dia anterior. Como medida da qualidade da alimentação foi utilizado o Índice de Alimentação Saudável (IAS), com dez componentes medindo: os *seis primeiros* à adequação do consumo dos grupos de alimentos; o *sétimo* e o *oitavo* a porcentagem de gordura total e saturada; o *nono* o consumo de colesterol dietético e o *décimo* a variedade alimentar (BOWMAN et al., 1998). Cada componente recebeu uma pontuação proporcional entre zero e dez, de modo que o IAS atingisse um total máximo de 100 pontos. Para a classificação do IAS usou-se os seguintes pontos de corte: abaixo de 51 pontos considera-se a alimentação não saudável, entre 51 e 80 corresponde a uma alimentação pouco saudável e acima de 80 pontos alimentação saudável (BOWMAN et al., 1998). A tabela 1 mostra, de forma resumida, os componentes do IAS e os critérios para a pontuação mínima e máxima.

Tabela 1 - Componentes do Índice de Alimentação Saudável (IAS)

Componentes	Faixas de Pontuação	Critérios para pontuação	
		Máxima (10)	Mínima (0)
Grupos de alimentos			
1. Cereais, pães e raízes	0 – 10	5 porções	0 porção
2. Verduras e legumes	0 – 10	4 porções	0 porção
3. Frutas	0 – 10	3 porções	0 porção
4. Leite e produtos lácteos	0 – 10	3 porções	0 porção
5. Carnes e ovos	0 – 10	1 porções	0 porção
6. Feijões	0 – 10	1 porção	0 porção
Outros nutrientes			
7. Gordura total	0 – 10	≤ 30% da energia de gordura	≥ 45% da energia de gordura
8. Gordura saturada	0 – 10	≤ 10% da energia de gordura saturada	≥ 15% da energia de gordura saturada
9. Colesterol	0 – 10	≤ 300mg	≥ 450mg
10. Variedade	0 – 10	≥ 8 tipos de alimentos em 1 dia	≤ 3 tipos de alimentos em 1 dia

Adaptado de BOWMAN et al., 1998.

Para complementar os dados dietéticos as mulheres foram questionadas se consultavam o rótulo antes de comprarem alimentos e que tipo de informação buscavam.

Análise estatística: as variáveis foram analisadas, de forma descritiva, por meio de medidas de tendência central e de frequências absoluta e relativa. Para verificar as diferenças de médias foi utilizado o teste *t-Student* em nível de significância 5% ($p < 0,05$). Os dados foram analisados com uso do programa SPSS versão 10.0 para *Windows*.

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição envolvida. Todas as mulheres participantes, deste estudo, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

RESULTADOS

As características médias das mulheres foram: idade de 35,5 (DP=8,92) anos, escolaridade de 10,0 (DP=3,64) anos, correspondendo ao ensino médio incompleto e a renda familiar *per capita* de R\$ 508,75 o que corresponde a 2,8 de salários mínimos (SM). A média dos escores do IAS foi 63,6, classificada como alimentação pouco saudável.

Analisando os dados quanto à utilização da rotulagem de alimentos, observou-se que 59,5% das mulheres responderam que consultavam o rótulo antes de comprarem alimentos. Dentre essas, verificou-se que a utilização do rótulo, com maior frequência, foi para leitura da data de validade (87,6%), seguida da lista de ingredientes e informações nutricionais. Os alertas e as dicas de receitas foram menos consultados (Gráfico 1).

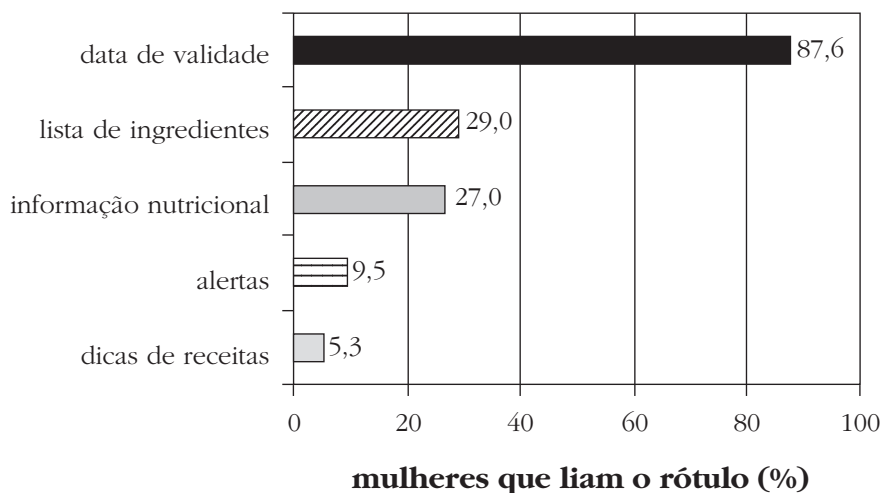


Gráfico 1 - Distribuição percentual das mulheres entre 20 a 50 anos que utilizavam a rotulagem de alimentos, segundo a leitura das informações. Vila Formosa, São Paulo - SP, 2001

A relação entre leitura da rotulagem e variáveis selecionadas (idade, renda e qualidade da alimentação) pode ser observada na tabela 2. Verificou-se diferenças, entre leitura do rótulo, com escolaridade e qualidade da alimentação, medida pelo IAS. As mulheres que liam o rótulo apresentaram maior escolaridade assim como maior IAS ($p < 0,05$), por outro lado, as variáveis renda e idade não apresentaram diferenças entre utilizar ou não a rotulagem.

Tabela 2 - Associação entre leitura de rótulos de alimentos com idade, escolaridade, renda *per capita* e índice de alimentação saudável (IAS). Mulheres entre 20 e 50 anos, Vila Formosa, São Paulo-SP, 2001

Variável	Ler o rótulo		<i>p</i> *
	não (n = 115) média (DP)	sim (n = 169) média (DP)	
Idade (anos)	35,14 (9,22)	35,71 (8,74)	0,594
Escolaridade (anos)	9,50 (3,63)	10,36 (3,61)	0,049
Renda <i>per capita</i> (R\$)	468,98 (385,85)	535,51 (398,45)	0,163
IAS	61,45 (13,86)	65,02 (13,42)	0,031

*média diferente entre ler ou não o rótulo quando $p = 0,05$; teste *t-Student*.

DISCUSSÃO

O uso da rotulagem de alimentos, pela maioria (59,5%) das moradoras da Vila Formosa, pode ser considerado como um bom resultado ainda que inferior aos 70% entre consumidores canadenses e norte-americanos, que consultavam normalmente os rótulos de alimentos, de acordo com as pesquisas do Instituto Nacional de Nutrição do Canadá (NAYGA; LIPINSKI; SAVUR, 1998; NATIONAL INSTITUTE OF NUTRITION, 1999).

A pesquisa realizada por Ferraz (2001) entre freqüentadores de supermercados na cidade de Belo Horizonte - MG, verificou que 62% dos consumidores lêem a rotulagem nutricional dos produtos alimentícios, resultados próximos ao encontrado entre as mulheres moradoras da Vila Formosa.

Outro estudo, com objetivo de identificar como a população adulta freqüentadora dos supermercados do Plano Piloto do Distrito Federal, utiliza as informações nutricionais como suporte para a sua escolha alimentar, observou que, a leitura dos rótulos de alimentos foi comum (74,8%) entre os consumidores, sendo que 41,6% dos entrevistados, consideram ser “muito” influenciados pela presença de informação nutricional nos rótulos, no momento da compra (COUTINHO; MONTEIRO, 2002).

As informações que os consumidores buscam, no momento da compra, são elementos importantes que influenciam na sua decisão de compra. Neste estudo, entre as mulheres que liam o rótulo, a maioria (87,6%) referira ler a data de fabricação/prazo de validade.

Dados abrangentes da população brasileira são provenientes do Instituto Nacional de Câncer (INCA) que realizou um inquérito domiciliar sobre comportamentos de risco e referida morbidade de doenças e agravos não transmissíveis em 15 capitais e no Distrito Federal, que incluía, também, perguntas sobre a leitura de informações nos rótulos de alimentos que os indivíduos consomem. Em relação ao prazo de validade observou-se que mais de 70% da população fazia a leitura desta informação nos rótulos (BRASIL, 2004e), percentual menor se comparado ao do presente estudo.

O fato de um maior percentual, se atentar para a leitura da data de validade, parece estar relacionado com a introdução do Código de Defesa do Consumidor (Lei nº 8.078, de 11/09/90), quando se determinou que as informações contidas na rotulagem de alimentos industrializados, deveriam receber uma maior atenção das empresas, no sentido destas obedecerem ao Artigo 31: “A oferta e apresentação de produtos e serviços devem assegurar informações corretas, claras, precisas, ostensivas e, em língua portuguesa sobre suas características, qualidade, quantidade, composição, preço, garantia, prazos de validade e origem, entre outros bem como sobre os riscos que apresentam à saúde e segurança dos consumidores”.

Note-se que esta lei é anterior à implantação das duas resoluções (RDC nº 359 e RDC nº 360 de 2003), que tornam obrigatória a rotulagem nutricional para os alimentos embalados, recentemente publicadas pela ANVISA (BRASIL, 2003a, 2003b).

Quanto à leitura da informação nutricional, neste estudo, observou-se que foi utilizada por apenas 27% das moradoras da Vila Formosa. Percentual inferior ao encontrado pelo estudo nacional (50%) da referida pesquisa do INCA (BRASIL, 2004b) e estudos internacionais como a pesquisa de Guthrie et al. (1995), que verificou que 71% dos consumidores norte-americanos usam a informação nutricional, “às vezes” ou “sempre”, no momento da compra de produtos alimentícios. Em estudo pesquisando consumidores irlandeses, Shine, O’Reilly e O’Sullivan (1997) encontraram que 37% faziam uso da informação nutricional.

No presente estudo, a relação entre a maior escolaridade e a utilização de rotulagem corrobora com os resultados de Ferraz (2001), Guthrie et al. (1995) e Nayga, Lipinski e Savur (1998). Esses autores apontam que a utilização da rotulagem nutricional, associa-se ao grau de instrução, porque à medida que aumenta a escolaridade também aumentam os conhecimentos sobre nutrição e saúde. As informações veiculadas, na embalagem dos alimentos, são relativamente complexas, e as pessoas com pouca ou sem escolaridade teriam dificuldades em interpretá-las.

Ainda nesses trabalhos, são apresentados dados quanto à faixa etária e condição socioeconômica. Para ambos, foram verificadas diferenças na utilização da rotulagem sendo crescente tanto para faixa etária, quanto para condição socioeconômica, relação essa que não foi observada entre as mulheres da Vila Formosa.

Alguns estudos apontam que os consumidores têm dificuldades em utilizar a rotulagem como meio para auxiliar na escolha dos alimentos. O modelo de informação nutricional

adotado pela RDC nº 359, poderá ajudar pessoas com menor grau de instrução a utilizar a rotulagem, porque determina que as informações sejam veiculadas por porção indicada para consumo, diminuindo a necessidade de cálculos, principalmente no momento da comparação e escolha de um produto (BRASIL, 2003b), e, também, na comparação de preços.

A relação entre o uso da rotulagem e a qualidade da alimentação revelou associação positiva, e estatisticamente significativa entre as mulheres que obtiveram melhores pontuações do IAS e liam o rótulo. Ou seja, no presente estudo, uma maior preocupação com a alimentação saudável foi constatada, tanto pela atitude positiva de leitura dos rótulos, como por índices de alimentação saudável mais altos. Estes achados também foram verificados nos estudos de Perez-escamila e Haldeman (2002) com a população norte-americana, que avaliou a associação entre uso da rotulagem nutricional e a qualidade da dieta utilizando o IAS.

Uma pesquisa, no Canadá, sobre padrão de consumo verificou que os consumidores que escolheram os alimentos a partir dos rótulos, apresentavam alimentação mais saudável, e quase 71% dos adultos disseram usar a informação nutricional na escolha dos alimentos. Esse comportamento tende a ser maior entre alguns grupos: mulheres, pessoas com maior escolaridade, aqueles que acreditam ter maior conhecimento sobre nutrição e também aqueles que consideram o fator saúde como algo importante, no momento da escolha dos alimentos (NATIONAL INSTITUTE OF NUTRITION, 1999).

Outra pesquisa, realizada nos Estados Unidos, mostrou que 80% da população fazia leitura das informações nutricionais, e esses apresentavam dietas mais pobres em gorduras e mais ricas em hortaliças e frutas comparados aos que não utilizavam as informações nutricionais dos rótulos (NEUHOUSER; KRISTAL; PATTERSON, 1999).

Uma limitação do presente estudo pode decorrer do seu recorte apenas para o gênero feminino e de não possibilitar explorar as razões de as mulheres não utilizarem a rotulagem de alimentos na escolha de alimentos.

A adesão do Brasil à estratégia global para alimentação, atividade física e saúde da OMS, representa um compromisso do país com a promoção da saúde e a prevenção das doenças crônicas, dando visibilidade a essas questões na agenda da saúde pública mundial (COORDENAÇÃO GERAL DE DOENÇAS E AGRAVOS NÃO-TRANSMISSÍVEIS, 2004). Assim, como o destaque das ações de rotulagem de alimentos como estratégia de promoção e proteção da saúde e exercício de direito do consumidor.

CONCLUSÕES

Os dados revelaram que a maioria das mulheres já utilizava o rótulo de alimentos, existindo uma relação positiva com a qualidade da alimentação. A implantação de um programa de educação alimentar e nutricional que possa agregar outras informações importantes, além das que já são consultadas no rótulo de alimentos embalados, poderia orientar melhor as escolhas alimentares, e contribuir para a incorporação de práticas alimentares saudáveis e a promoção da saúde.

REFERÊNCIAS/REFERENCES

- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Aprova regulamento técnico sobre rotulagem nutricional de alimentos embalados, tornando obrigatória a rotulagem nutricional. Resolução RDC nº 360 de 23 de dezembro de 2003. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 de dezembro, 2003a. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/alimentos/legis/especifica/rotuali.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2005.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Aprova regulamento técnico sobre porções de alimentos embalados para fins de rotulagem nutricional. Resolução RDC nº 359 de 23 de dezembro de 2003. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 26 de dezembro de 2003b. Disponível em: <<http://www.anvisa.gov.br/alimentos/legis/especifica/rotuali.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Política nacional de alimentação e nutrição*. 2. ed. rev. Brasília, 2003c.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Documento realizado pelo grupo técnico assessor instituído pela Portaria do Ministério da Saúde nº 596. Análise da estratégia global para alimentação saudável, atividade física e saúde. Brasília, DF, 8 de abril de 2004d. p. 1-49. Disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/nutricao/documentos/doc_eg_final_submetido.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Instituto Nacional de Câncer. *Inquérito domiciliar sobre comportamentos de risco e morbidade referida de doenças e agravos não transmissíveis*: Brasil, 15 capitais e Distrito Federal. 2002-2003. Rio de Janeiro: INCA, 2004e.
- BOWMAN, A. S.; LINO, M.; GERRIOR, A. S.; BASIOTIS, P. P. *The health eating index* – 1994-96. Washington (DC): US Department of Agriculture, Center for Nutrition Policy and Promotion, 1998.
- COORDENAÇÃO GERAL DE DOENÇAS E AGRAVOS NÃO-TRANSMISSÍVEIS. Síntese da oficina de vigilância em doenças crônicas não-transmissíveis. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 9, n. 4, p. 957-962, 2004.
- CYRILLO, D. C. *Reconstruindo instituições*: o caso da Norma Brasileira para Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL). 2001. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- COUTINHO, J. G.; MONTEIRO, R. A. *Uso e entendimento pela população adulta frequentadora de supermercados do Plano Piloto - Distrito Federal - da informação nutricional de alimentos e bebidas embalados*. 2002. Monografia (Especialização em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2002.
- FERRAZ, R. G. *Comportamento do consumidor frente à informação nutricional em rotulagem de produtos alimentícios*: um estudo no varejo de Belo Horizonte/MG. 2001. 87 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2001.
- GUTHRIE, J. F.; FOX, J. J.; CLEVELAND, L. E.; WELSH, S. Who uses nutrition labeling and what effects does label use have on diet quality? *Journal of Nutrition Education*, v. 27, n. 4, p. 163-172, 1995.
- NATIONAL INSTITUTE OF NUTRITION. *Nutrition labelling*: perception and preferences of Canadians. Ottawa, Canadá: [s.n], 1999.
- NAYGA, J. R. R. M.; LIPINSKI, D.; SAVUR, N. Consumers' use of nutritional labels while shopping and at home. *The Journal of Consumer Affairs*, v. 32, n. 1, p. 106-120, 1998.
- NEUHouser, M. L.; KRISTAL, A. R.; PATTERSON, R. E. Use of food nutrition labels is associated with lower fat intake. *Journal of the American Association*, v. 99, n. 1, p. 45-53, 1999.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Cinquenta-siete asamblea mundial de la salud*. Estrategia mundial sobre régimen alimentario, actividade física y salud. Ginebra: WHO, 2004.

PEREZ-ESCAMILA, R.; HALDEMAN, L. Food Label use modifies association of income with dietary quality. *Journal Nutrition*, v. 132, n. 2, p. 768-772, 2002.

SHINE, A.; O'REILLY, S.; O'SULLIVAN, K. Consumer use of nutrition labels. *British Food Journal*, v. 99, n. 8, p. 290-296, 1997.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Diet, nutrition and prevention of chronic diseases: report of a joint WHO/FAO expert consultation*. Geneva: WHO, 2003. (Who Technical Report Series, 916).

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO global strategy on diet, physical activity and health. *Food and Nutrition Bulletin*, v. 25, n. 1 p. 292-302, 2004.

Recebido para publicação em 22/09/05.
Aprovado em 15/12/05.